



Julho a Dezembro 2011

N.º 38 • 3ª SÉRIE

CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



NESTE NÚMERO

91º ANIVERSÁRIO
DA TOMADA DA
BASTILHA

PAG. 04

CONSTITUCIONALISMO

- CONFERÊNCIA

PAG. 07

OS NOSSOS PASSEIOS

- VIAGEM À TURQUIA
- PASSEIO DE OUTONO

PAG. 11



PÁG.

- 03 EDITORIAL
- 04 EM DESTAQUE
91º Aniversário da Tomada da Bastilha
- 08 CONFERÊNCIAS
"Constitucionalismo" – José Henrique Dias (Parceria com a Casa da Académica de Lisboa)
Tertúlia Académica - Amélia Ferreira Pinto
- 11 OS NOSSOS PASSEIOS
LÁ FORA – Viagem à Turquia
CÁ DENTRO - Passeio do Outono a Terras Transmontanas
- 13 IN MEMORIAM
- 15 A VOZ DA FILANTRÓPICA E VISITAS LOCAIS
- 16 ESPAÇO POESIA
- 17 BLOGOSFER@
- 18 NOTÍCIAS BREVES
- 19 NOVOS SÓCIOS
- 19 SE NÃO SABIAS, FICA A SABER QUE...

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aec-lisboa.com



EDITORIAL

MENSAGEM DO NOVO REITOR

Na situação de dificuldade em que Portugal se encontra é ainda mais decisivo o papel das universidades. Em poucas ocasiões da história terá a Universidade de Coimbra sido sujeita a provas tão duras, se excetuarmos momentos negros como os das pilhagens das invasões francesas ou os mantos de chumbo do estado novo e da inquisição. Com efeito, a UC, que em 2010 recebeu 91 milhões de euros do orçamento de Estado, recebe este ano apenas 63 milhões. Este corte de 31% é impressionante, e está muito acima daquilo que a troika exige de corte na despesa pública. Se todos os setores do Estado tivessem uma quebra da despesa de 30% nestes últimos dois anos, em 2012 não teríamos um défice de 7.500 milhões de euros, como o Governo prevê que aconteça, mas um superavit de 8.000 milhões. Não precisaríamos dos empréstimos da troika, pagávamos os 9.000 milhões de euros de juros previstos para este ano e ainda amortizávamos 8.000 milhões de dívida, coisa que não fazemos há muitos anos, pois só andamos a pagar juros. Como dado acessório, note-se que 9000 milhões é aproximadamente 10 vezes o que custa ao Estado todo o sistema de ensino superior, universitário e politécnico.

Seremos um fardo de tal forma pesado para o país que mereçamos esse castigo?

Façamos uma análise estritamente financeira da Universidade de Coimbra, na sua relação com o Estado. Em 2012 a UC receberá do Estado 63 milhões de euros em transferências diretas, como já mencionei atrás. A esse montante temos de somar a fração do financiamento da investigação (projetos, centros de investigação, etc.) que é paga com verbas do OE, algo que em 2012 ascenderá a cerca de 5 milhões de euros (montante que corresponde a uma pequena parte do dinheiro para a investigação, uma vez que a fatia maior desse financiamento é dinheiro europeu). No global, receberemos do OE em 2012 aproximadamente 68 milhões de euros.

Mas a UC paga impostos. Em 2012, entre IVA, Segurança Social, Caixa Geral de Aposentações, IRS e ADSE, serão cerca de 48 milhões de euros. Acresce que a UC é campeã na formação de novas empresas, e estas também pagam impostos. Só as empresas incubadas no Instituto Pedro Nunes, que tiveram em 2010 um volume de negócios de cerca de 75 milhões de euros, deverão pagar pelo menos 30% disso em impostos em 2012 (entre IRS, IRC, IVA e Segurança Social), pelo que o Estado recebe mais 22 milhões de euros. Como muito poucas

destas empresas se teriam formado se a UC não existisse, podemos somar estes dois valores para um total de 70 milhões de impostos pagos pela UC ou por causa dela.

A UC dá lucro ao Estado! Recebe 68 milhões e gera pelo menos 70 milhões de impostos efetivos. A diferença seria maior se contabilizássemos muitas outras empresas que têm negócios que só o conhecimento vindo da UC possibilitou, ou se somássemos o IVA que cada um dos funcionários da UC paga de cada vez que vai ao supermercado, para além do valor económico do trabalho de cada um dos seus diplomados, etc, etc.

É do conhecimento avançado que pode vir o desenvolvimento de Portugal, e as universidades são quem detêm a maior fatia desse conhecimento. A Universidade de Coimbra tem sabido transferir esse conhecimento para a sociedade e transformá-lo em riqueza para o país. Não merecemos estes cortes, muito superiores à média.

Os antigos estudantes são decisivos na tarefa de explicar à sociedade, e portanto ao Governo, que não se pode asfixiar quem mantém acesa a luz da esperança. A Universidade de Coimbra sabe que conta com os seus antigos estudantes!

João Gabriel Silva

91º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA 2011 PREITO À SOCIEDADE FILANTRÓPICO -ACADÉMICA DE COIMBRA

As circunstâncias actuais do País ditaram que este evento se caracterizasse por maior contenção que o do ano passado (homenagem à Associação Académica de Coimbra), adequando-lhes a escolha da entidade a homenagear: a Sociedade Filantrópico-Académica de Coimbra.

Assim o explicitou a presidente da Direcção da nossa Associação, Fátima Lencastre, ao abrir o Show Nosso – apresentado por Luís Nascimento Ferreira – após um excelente jantar (410 convivas), a exibição do Show do Casino “O Melhor de La Féria” e um intervalo dançante ao som de Orquestra que animou jovens e menos jovens.



Fátima Lencastre e a direcção com o presidente da Filantrópica

Nas suas palavras de abertura, também saudou todos os presentes, em especial o Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, os presidentes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra e das instituições parceiras das nossa Associação; e agradeceu as participações do Grupo Coral Misto Advocal e do Grupo de Fados Advocal, ambos de Coimbra e formados por profissionais de justiça que dedicam os seus tempos livres a cultivar a canção de Coimbra, e da “Estudantina” da Secção de Fados da Associação Académica de Coimbra.

Após a sempre esperada mensagem do Magnífico Reitor, o Dr. Manuel Ferro, presidente da Sociedade homenageada, deu-nos conta das suas histórias, existência actual e vicissitudes, como segue:

“Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra,

Prof. Doutor Eng.º João Gabriel Silva,

Exma. Senhora Presidente da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Dr.ª Maria de Fátima Lencastre,

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Dr. Francisco Chichorro Rodrigues,

Membros da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa,

*Minhas Senhoras,
Meus Senhores.*

A nenhum elemento da comunidade académica passa despercebida, muito menos ignorada a existência da Sociedade Filantrópico-Académica de Coimbra, discretamente instalada na Rua Dr. Guilherme Moreira, nº 14, já que a ela tem de recorrer logo no início da sua passagem pela Universidade, quando se vê na contingência de comprar os impressos e as estampilhas necessárias para a matrícula e inscrições posteriores. Um número mais restrito conhecê-la-á por outros motivos, já que a ela se dirige, a fim de solicitar um apoio económico, por vezes de verdadeira sobrevivência, para poder prosseguir os seus estudos. Entre este número, é significativa a quantidade de pedidos apresentados por estudantes dos PALOPS, que, devido a circunstâncias de inadaptação ou de deficiente preparação, acabam por perder as Bolsas de Estudo concedidas pelos respectivos países ou pelos Serviços da Cooperação, do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Fundada em 1850, pelo então quartanista de Direito, Feliciano Augusto de Brito Correia, natural do Funchal, a Sociedade Filantrópica associava-se na altura a outras instituições que vinham sendo constituídas na cidade, cobrindo as necessidades de outros sectores da população, como a Sociedade de beneficência para a escola-asilo da 1ª infância, de 1835, e a Sociedade de beneficência da Tipografia da Universidade, de 1849, que passou a denominar-se Montepio da Imprensa da Universidade, em 1867, e que foi a primeira associação conimbricense de socorros mútuos.

Matriculado no primeiro ano em 1845, e contando já a idade de vinte e oito anos, Brito Correia, era, pois, um aluno maduro e consciente da situação económica e social de muitos dos seus colegas. A 23 de Dezembro de 1849, reúne no edifício da Academia Dramática (antigo Colégio de S. Paulo), um grupo de vinte estudantes da Universidade, que deliberam por unanimidade a fundação de uma sociedade académica de beneficência. Dali saiu logo nomeada uma comissão encarregada de redigir as bases de um projecto dos respectivos estatutos, a que pertenciam José Ferreira de Macedo Pinto, na qualidade de Presidente, o próprio Feliciano Augusto de Brito Correia, e ainda João Carlos Massa e António Joaquim Gomes de Abreu. A 13 de Janeiro de 1850 essas bases do projecto dos estatutos da Filantrópica são, pois, aprovadas, prevendo o artigo 1º os seus fins:

"Criar-se em Coimbra, sede da Universidade portuguesa, uma sociedade que se denominará Sociedade Filantrópico-Académica, e terá por fim o seguinte:

1º Assistir com socorros de toda a ordem, que precisos forem, aos estudantes e sócios enfermos;

2º Prestar auxilio a mancebos distintos por virtudes e talentos, mas faltos de meios para seguirem os estudos superiores;

3º Acudir às necessidades de doutores e empregados maiores da Universidade, que por seus serviços às letras e à Associação se houverem tornado dignos dessa protecção especial, quando caídos em miséria".

A primeira direcção eleita pouco tempo ocupou o cargo, porque o Presidente, o Dr. Manuel António Coelho da Rocha, faleceu e os dois restantes membros deixaram de viver na cidade. Eleita a segunda direcção, sob a presidência do Conselheiro António Nunes de Carvalho, foi convocada a assembleia geral para eleger nova comissão para a elaboração do projecto dos estatutos, a partir das bases em vigor, sendo os primeiros estatutos aprovados em 26 de Maio de 1852 e reformados, depois, em 7 de Dezembro de 1862.

No entanto, a Sociedade Filantrópica vem a ser suprimida em 1911 (por Decreto de 22 de Março, art. 3º, alínea c), ao mesmo tempo que são criadas as Bolsas de Estudo concedidas pela própria Universidade. Apesar de tal decisão, a 11 de Junho de 1918, também por Decreto (nº 4408), volta a Filantrópica a ser restaurada, passando igualmente a desempenhar a função de procuradoria universitária, que, aliás, já antes tinha funcionado a partir de Maio de 1899. E se, desta vez, a sua autonomia passa a ser mais limitada do que anteriormente (já que o seu orçamento e contas passam a ser aprovados pela Junta Administrativa da Universidade), a necessidade do seu funcionamento revela bem a sua necessidade, evidenciada na cooperação prevista na instituição de Bolsas à comunidade estudantil.

A Sociedade é administrada por uma Direcção composta inicialmente por cinco elementos, sendo o cargo de Presidente desde o início ocupado por personalidades notáveis do meio académico, Doutores cujos nomes ainda hoje são conhecidos, como Bernardino Machado, Daniel de Matos, António Cândido, Sousa Refóios, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Júlio Henriques, Luís Carriso, Alexandre Morujão e Aníbal Pinto de Castro. Consciente das responsabilidades e por força das circunstâncias, são hoje estas funções desempenhadas pela minha pessoa.

Entre os seus membros, constava a Sociedade de dois tipos de sócios: os ordinários, estudantes da Universidade e também dos Liceus, que pagavam a quota anual de 1.200 réis; e os sócios protectores, sócios beneméritos ou honorários, que pagavam igualmente uma quota anual igual ou superior. Entre os sócios beneméritos, nomeiam-se individualidades como o Imperador do Brasil, o último Bispo-Conde de Coimbra, os Condes de Valença, os Condes de Monsaraz, o escritor João de Deus, os actores Taborda e Rei Colaço, assim como o pianista Viana da Motta.

Além das quotas, a Sociedade contava ainda com receitas provenientes de legados e donativos de benfeitores tão insignes como D. Maria II, D. Pedro V, o príncipe Humberto de Itália, D. Luís I, a rainha D. Maria Pia, D. Carlos ou os sócios beneméritos acima referidos. Por outro lado, raro era o ano em que não se realizava um bazar no Jardim Botânico ou no Clube Académico — um momento alto da vida mundana da cidade —, assim como espectáculos, saraus literário-musicais, récitas, inicialmente no Teatro Académico (demolido em 1889), que contavam com a colaboração de artistas de renome nacional e internacional, como o actor Taborda, Emília das Neves, o pianista Rei Colaço, o presti-

giador *Compars Herman*, a cantora lírica *Elisa Volpini*, ou figuras como *Rafael Bordalo-Pinheiro*, a ponto de tais acontecimentos não deixarem indiferente a intelectualidade da época. Mais recentemente, a *Sociedade Filantrópica* ainda recorria aos rendimentos obtidos num *Posto de Abastecimento de Combustíveis*, situado na *Avenida Fernão de Magalhães*, junto da *Casa do Sal*. Nalguns momentos, a própria *Universidade*, através da *Reitoria*, não se demite de lhe conceder a devida protecção, não regateando meios morais e materiais, para que a sua acção seja mais eficaz.

Mas, com a passagem do tempo, os objectivos da *Sociedade Filantrópica* vão-se restringindo cada vez mais, passando a beneficiar exclusivamente os estudantes universitários. Os auxílios financeiros traduziam-se, tal como hoje, em subsídios mensais e no pagamento das matrículas, ou só no pagamento das matrículas e inscrições.

O outrora, porém, a partir de 1859, chegou mesmo a ser concedido aos estudantes pobres uma enfermaria gratuita no *Hospital Académico*, instalado no extinto *Colégio de S. Jerónimo*, sendo os medicamentos para eles necessários distribuídos pela *Misericórdia*. Depois de 1885, os sócios da *Filantrópica* tinham entrada graciosa na *Academia Dramática* e, em 1894, foi instituído um prémio para um aluno que se distinguisse no campo da *Matemática* ou, na sua ausência, da *Filosofia*.

Hoje, a *Sociedade Filantrópico-Académica* está fundamentalmente vocacionada para a atribuição de subsídios a alunos que revelam sérias dificuldades económicas e que, por motivos vários, não apresentam as condições necessárias para usufruírem de *Bolsas de Estudos* concedidas pelos *Serviços Sociais da Universidade* ou por quaisquer outras instituições. Assim, nos últimos anos, dos subsídios pecuniários atribuídos, mais de 90% contemplaram alunos provenientes dos *PALOPS* que frequentam a generalidade das *Faculdades*. Condição fundamental para a atribuição desse subsídio é a obtenção de aproveitamento escolar, pelo menos no último ano lectivo. Muitas vezes, porém, são

situações desesperadas que ali são expostas, casos humanos angustiantes que apelam à *Filantrópica* para um auxílio — por mínimo que seja — para aliviar o drama de uma vida longe da família ou sem apoios de qualquer natureza. É nesta medida que a *Sociedade Filantrópica* se esforça por manter vivo o espírito que, desde a sua fundação, a anima e, assim, continua a cumprir a missão que assumiu perante a comunidade académica.

Contudo, ultimamente, algumas sombras têm pairado sobre esta vetusta instituição, a ponto de se questionar a sua continuidade. As principais fontes de rendimento têm-se esgotado: a bomba da gasolina da *GALP*, situada na *Avenida Fernão de Magalhães*, no área da "*Casa do Sal*", cuja exploração assegurava à *Sociedade Filantrópica* o necessário rendimento que lhe permitia exercer a sua acção social, fechou por se construírem vias de acesso à cidade com tal disposição, que tornaram impraticável que os automobilistas ali parassem para abastecimento, salvo os que se dirigissem em direcção ao centro da cidade. A venda de combustível desceu a tal ponto que tornou insustentável a sua manutenção. Depois, a venda de formulários e estampilhas para as inscrições e matrículas dos estudantes da *Universidade* deixou de se efectuar, excepto em número reduzido, já que todas essas operações passaram a ser feitas por via informática. Tornou-se, então, imperioso repensar a função da *Sociedade Filantrópico-Académica*. Foram consultados os *Magníficos Reitores*, o cessante e o actual, e o parecer de ambos foi o de que tudo se deveria fazer para renovar, revitalizar e permitir a continuidade da existência de uma instituição mais do que secular com uma função insubstituível no ambiente académico pelo que agradecemos a confiança em nós depositada.

Actualmente, procedemos, por conseguinte, à reconstituição dos órgãos directivos, revemos os estatutos e, com imaginação, tentamos encontrar outras fontes de rendimento para que, a breve prazo, a *Sociedade Filantrópico-Académica* possa voltar a exercer a acção para a qual foi criada no ambiente



Presidentes das AAEC e o aluno premiado

estudantil, tanto mais necessária na época de crise generalizada que atravessamos.

São homenagens como esta que nos dão força e estímulo para continuar a trilhar o caminho já iniciado. Em nome da Sociedade Filantrópico-Académica da Universidade de Coimbra, muito obrigado a todos os presentes, que contribuíram para que este momento se tornasse uma realidade."

Também o aluno beneficiário desta instituição, Nuno Sobreira - a quem decidimos atribuir neste ano o habitual prémio pecuniário - quis deixar o seu testemunho, tendo a seu lado os presidentes das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra, sedeadas em Coimbra, em Braga, no Porto e no Alto Mondego, e os dirigentes da Associação Académica de Coimbra:

"A Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa transmitiu esta noite, com a sua energia e vitalidade, a força da Universidade de Coimbra e a união dos seus estudantes. Com a enorme adesão a esta comemoração provaram que há laços que se perpetuam nas nossas vidas muito para além da última Balada da Despedida.

A escolha da Sociedade Filantrópica de Coimbra para ser homenageada reveste-se de enorme justiça. Esta instituição tem-se revelado de inestimáveis valor e utilidade para os estudantes que vêm de fora da cidade de Coimbra e que nela encontram a proximidade, a informação e o contacto fundamental a um correcto percurso académico. Na minha experiência pessoal, foi na Sociedade Filantrópica que encontrei o exemplo claro de trabalho e dedicação em prol do outro e que tento reproduzir no Pelouro da Pedagogia do NED/AAC.

Pela prova de resistência da AAEC e pelo insubstituível contributo da Sociedade Filantrópica de Coimbra, um bem hajam e muito obrigado!"



Para memória futura, uma placa comemorativa foi oferecida pelo Presidente da Assembleia-Geral, Francisco Chichorro Rodrigues.

Seguiu-se a componente lúdica do Show Nosso com a exibição da "Estudantina", cavalheiresca (oferecendo um lindíssimo



ramo de flores à madrinha) e buliçosa, com aquela irreverência académica que a todos toca e ninguém minimiza, e a actuação do Grupo Coral Misto Advocal, sob a maestria do consagrado Augusto Mesquita.

Culminou com uma Serenata "sui generis" e os vibrantes Balada e FRA de despedida... até 2012!

CONFERÊNCIA CONSTITUCIONALISMO

BREVE SUMÁRIO DE UMA INTERVENÇÃO



José Henrique Rodrigues Dias

Houve um momento, não importa o porquê, em que perante um grupo de colegas e tantos amigos, num jantar da nossa Associação, tive de deitar mão a um impasse: falar de constitucionalismo.

Fi-lo por imperativos éticos e de solidariedade, senti-me reconfortado com o carinho e benevolência com que acolheram o improvisado. Não me é possível reconstituir nada do que então disse. Pedem-me uma síntese, e não vou recusar à nossa Fátima Lencastre a convocatória. Por isso, envio estas nótulas muito genéricas e pouco demoradas.

Nasceu em Coimbra em 1934

Doutor em História e Teoria das Ideias

Mestre em História Cultural e Política

Licenciado em História

Referências Curriculares:

- Leciona no Mestrado de História Cultural e Política

- Investigador do Centro de História da Cultura da Univ. Nova de Lisboa, integra o Projecto de Pensamento Hispânico.

- Professor Convidado da ULBRA-Universidade Luterana do Brasil, onde lecionou em curso de Mestrado.

- Professor Convidado da Universidad de Extremadura, Espanha.

- Membro do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais.

- Agraciado com a Cruz de Mérito Humanitário pelo IBES (Brasil).

- Presidente do Conselho Científico do Instituto Superior Miguel Torga.

- Autor de vários livros e artigos científicos e de ficção.

Nos alvares do Séc. XIX o nosso país vivia sob um regime monárquico absolutista, com a dinastia de Bragança no trono. As invasões napoleónicas, como é sabido, levaram a que a corte se retirasse para o Brasil, e mesmo depois da Convenção de Sintra predomina a presença dos ingleses, corporizada em Beresford, com a sua oficialidade a menosprezar os portugueses e a hostilizar os nossos oficiais. Uma vaga de emigração afasta do reino muita da nossa intelectualidade, pelo que aparecem jornais de emigração que pela via clandestina enfrentam esse poder e difundem novas ideias.

No Porto, uma associação maçónica denominada Sinédrio, discutia os graves problemas que assolavam o país. Homens como Fernandes Tomaz, Ferreira Borges, Silva Carvalho, Xavier de Araújo, que se formaram em Coimbra, e muitos outros, espreitavam oportunidade para libertar a pátria e difundir novas ideias. A gota que

faltava para o transbordar do copo foram os acontecimentos de 1817, culminados com a bárbara execução de Gomes Freire de Andrade, Grão-Mestre da Maçonaria.

Em 24 de Agosto de 1820, arrancam do Campo de Santo Ovidio, no Porto, forças militares que ali tinham ouvido uma Proclamação escrita por *Ferreira Borges*, apelando à rebelião e a uma nova vida política para Portugal. Criada uma Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, procedeu-se a eleições nos moldes da Constituição de Cádiz e estabeleceu-se depois um Parlamento.

Em Espanha tinha sido reposta a constituição gaditana de 1812, que vai inspirar a que vai sair das Cortes Gerais e Extraordinárias e se jura em 1822, considerada a mais avançada da Europa. Nas cortes, três alas ideológicas dirimiram argumentos, conservadores, gradualistas e radicais, mas pesou a força argumentária dos radicais.

Se o Trono e o Altar não eram postos em

causa, a verdade é que o rei, ao deter apenas o direito a voto suspensivo, não era mais do que uma ficção política. Seguiram-se algumas tentativas contra-revolucionárias encabeçadas pelo príncipe D. Miguel. Com a Vilafrancada e a Abridada, que o levou a um primeiro exílio, D. João VI ainda tentou uma Carta Constitucional descobrimos e publicámos atas das reuniões da comissão nomeada para o efeito, encabeçada por Palmela, no nosso livro *Ferreira Borges. Política e Economia*. Ed do INIC, 1983], mas a instabilidade que se instalou, a independência do Brasil, a tentativa de D. Pedro, então já Imperador do Brasil de apaziguar ânimos ao pretender casar a filha, D. Maria da Glória, futura rainha D. Maria II com o tio D. Miguel, que abjurou compromissos e assaltou o trono, levaram a que D. Pedro viesse a outorgar uma Carta Constitucional em 1826, onde se estabelece o veto absoluto do rei, se cria um sistema bicameral, com uma Câmara

dos Pares de escolha do rei, lugar vitalício e hereditário, e uma Câmara de Deputados, eleita agora por voto censitário. Além do mais, o rei detinha o poder moderador, embora fossem reconhecidos os importantes direitos de separação de poderes. Neste registo aligeirado, vale a pena recordar a reposição do regime absoluto, encabeçado por D. Miguel, que governa seis anos, entre 1828-1834, que conduziu à guerra civil de 1832-1834, que terminou com a vitória dos liberais e a Convenção de Évora-Monte, que não cabe aqui particularizar, mas que semeou discórdias e levou a alguns dissabores de D. Pedro IV, culminados com aquela infausta noite em S. Carlos que precipitou a sua morte. Entronizada D. Maria II, que casara com o Príncipe Augusto, que morre ao fim de um mês, depois com D. Fernando de Saxe-Coburgo e Gotha, assume o trono, mas após as eleições de 1836, os deputados do Porto, encabeçados por Manoel da Silva Passos (Passos Manoel), desembarcam em Lisboa, dão vivas à Constituição de 22, junta-se povo, os realistas recuam, estava vencedora a Revolução de Setembro de 1836, que repôs a Constituição Revolucionária e constituiu-se um governo que iniciou grandes reformas e na qual se destaca a figura de Almeida Garrett. Não obstante, era já insustentável manter uma Constituição tão radical, pelo que fizeram eleições e se elaborou a Constituição de 1838, digamos um compromisso entre os outros dois textos constitucionais. Dissensões ideológicas, compromissos, interesses de grupo, levam ao fim do setembrismo a partir de um golpe de António Bernardo da Costa Cabral, radical de 22, agora como muitos outros convertido ao cartismo, vindo como tal a repor a Carta Constitucional de 1826, no seu governo de 1842. São consabidas as flutuações ideológicas no período do cabralismo, as duas revoltas, chamadas de Maria da Fonte em 1846, o seu prolongamento Patuleia, em 1847, enfim a intervenção estrangeira que levou à Convenção do Gramido. Um pequeno país de poucos recursos, está permanentemente em guerra desde 1806, com grande pendor fratricida. Surgida a Regeneração, por meados da centúria, abre-se a possibilidade de progresso com o fontismo, mas não cessa-

ram as querelas ideológicas. Vigora a Carta, com actos adicionais, até ao fim da monarquia. Em 1911, o governo republicano promove nova constituição. O que se resolve, logo se dissolve a instabilidade política levou ao golpe militar de 1926, este conduziu à Constituição de 1933, ao seu fim em 1974 que aprova o novo texto de 1976 com as pontuais alterações que se conhecem.

Estes os factos relevantes, a traço grosso, mas importante é a pensabilidade desses factos.

Anote-se, para o curto espaço de que dispomos, algo de essencial.

- Constituição de 1822- A iniciativa legislativa, só nos deputados. Veto suspensivo por trinta dias, voltava à assembleia, que podia rejeitar eventuais propostas do rei. A pessoa do rei era inviolável, mas não se lhe reconhecia *direito próprio*, pois a autoridade provinha da Nação, corolário da soberania nacional. O poder supremo pertencia às Cortes. A forma de Estado era Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, esboço de um estado federal. A Constituição consagra um regime liberal democrata.

- Carta Constitucional de 1826- Para além dos poderes do rei, já referidos, acrescenta aos direitos individuais os chamados direitos sociais, ou seja compromissos do Estado, como seja o socorro público, ou seja o direito a assistência, tão debatido mais tarde na chamada revolução socialista de 1848, em França, e, o que é de registar, o princípio da não retroatividade das leis. O rei podia dissolver o poder representativo. Era o rei quem nomeava e demitia os ministros. Para o exercício do poder moderador, o rei escolhia um Conselho de Estado vitalício, cujos membros eram responsáveis pelas opiniões.

Como vimos, as Cortes tinham duas Câmaras, a dos Pares e a dos Deputados, com as condições que enunciámos. Entre 1834-1836, à segunda vigência da Carta.

- Revolução de Setembro de 1836, derrubado o governo pelas hostes radicais, repõe-se a Constituição de 1822.

- Constituição de 1838- Texto de compromisso, é menos doutrinária e mais moderada do que a de 22, embora elaborada sob um governo radical, onde pontificavam Passos Manoel, Saldanha e o Pe Vieira de Castro. Volta a concepção clássica dos

três poderes, é bicameral, Câmara dos Senadores e Câmara dos Deputados, ambas eleitas por sufrágio direto e restrito, censitário. O rei não tinha poder próprio, mas era chefe do executivo, com veto absoluto. Vigorou de 4 de abril de 1838 a 10 de fevereiro de 1842.

A terceira vigência da Carta, com o cabralismo, vigora de 10 de fevereiro de 1842 até 5 de outubro de 1910. A emergência do bipartidarismo monárquico, define-se em dois períodos, um de 1833-1851 que é como vimos de luta civil, outro de 1851-1891, de rotativismo, também se considera um terceiro período de 1891-1910, de desagregação partidária, dada a emergência do Partido Republicano e as várias agitações populares.

- Os Actos Adicionais, o de 1842 e o de 1885, vieram compaginar interesses partidários, que não temos espaço para referenciar.

- Constituição de 1911- Passaremos à Constituição de 1911, o mais curto dos nossos textos constitucionais, contando apenas com 87 artigos. Naturalmente a refletir o ideário republicano, garante os direitos atinentes às consagradas liberdades e garantias revolucionárias e afirma o laicismo, com liberdade e igualdade de todos os cultos, com a igualdade social a resultar da abolição quer privilégios. Por nascimento, foros de nobreza, e títulos nobiliárquicos, consignando a igualdade social, bem como a neutralidade do ensino em matéria religiosa. O direito de resistência a ordens que violem as liberdades essenciais, com a soberania a residir em a nação e os poderes separados, o poder legislativo representa-se no Congresso Republicano, dividido em Câmara dos Deputados e Senado, ambas eleitas por sufrágio direto.

Seria pesado, no curto espaço disponível, seguir todo o articulado que, enfim, rompe substancialmente com alguns dos princípios da Carta, como facilmente se compreende, mas não podemos esquecer que surge na sequência da tradição democrática de todos os textos constitucionais.

Neste brevíssimo sumário, deixamos sem especiais referências a Constituição de 1933 e a de 1976, do convívio da maioria dos nossos colegas, ai de nós, os que temos décadas de esperanças, dores e desilusões no currículo de vivências múltiplas.

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

O POVO DO NORDESTE – AMIGOS

21 de Setembro – *Amélia Ferreira Pinto*

Caros colegas

Começo por agradecer à nossa Presidente Dr.^a Fátima Lencastre, aos colegas Dr. Alcindo Costa e Dr. Eduíno de Jesus, que gentilmente se disponibilizaram para apresentar este meu livro, a todos vós e aos amigos e familiares que hoje quiseram estar aqui comigo.

Posto isto, quero ainda dizer-vos que é mais um momento feliz estar na vossa companhia, e é também, mais um livro que hoje vos apresento, o último numa trilogia sobre o povo do Nordeste e é, para além de tudo, mais uma prova do grande interesse que sempre nutri em investigar e divulgar o que há de mais valioso e genuíno neste rincão esquecido pelos sucessivos poderes centrais.

Cumprir-me ainda sublinhar e esclarecer que as narrativas e as descrições que vos tenho vindo a apresentar, não são vulgares historietas de pura diversão. São, isso sim, a expressão de momentos de profunda interiorização, de uma séria análise introspectiva. São, em resumo, reflexos da minha memória.

Actualmente vulgarizou-se a ideia de que recordar o passado nada mais é que saudosismo. Pois bem, perante isto, os historiadores nada mais são do que carpidores do passado (como se o passado não fizesse parte do presente e não continuasse rumo ao futuro).

Escritores modernos estão de acordo com o que aqui afirmo. Karen Ralls, Doutorada em História Medieval e Civilização Celta, pela Universidade de Edimburgo, no seu livro, *Os Templários e o Santo Graal*, página 202, inclui esta citação "aquilo que é recordado, ainda vive" e o nosso povo está de acordo quando diz: "recordar é viver".

Todos os factos que narro e descrevo, tocaram-me profundamente. E isto porque se reportam a um tempo e a uma época que, embora não muito distantes, eram muito diferentes.

O Nordeste Transmontano, pelo seu moroso desenvolvimento, resultante das bar-

reiras naturais que o separavam dos centros mais civilizados, era como que, uma ilha isolada no meio duma mole de montanhas. (E repare-se que o Nordeste Transmontano só agora inaugurou 6 quilómetros de auto estrada, e estas existem no País desde 1939!)

Por conseguinte, urgia estudar, investigar e divulgar essa civilização estagnada, arcaica, de grande interesse sob vários pontos de vista. E isso mesmo fizeram grandes escritores estudiosos da língua portuguesa tais como o filólogo Doutor Leite de Vasconcelos, o sábio Abade de Baçal, Francisco Manuel Alves, escritores e poetas de entre os quais destaco Trindade Coelho e Guerra Junqueiro.

As suas obras são um tesouro inestimável para o conhecimento da cultura desta parte de Trás-os-Montes.

A língua que se falava nesta região, estava ainda muito próxima da língua mãe – o latim. E o latim, embora nos pareça inacreditável, evoluído e transformado pelo falar de sucessivas gerações, no decorrer de muitos séculos, é a língua que ainda hoje falamos.

Contrariamente ao que se afirma, o latim não é uma língua morta. Ela permanece implícita em todas as línguas românicas. Não o latim clássico escrito e falado pela sociedade culta de Roma, mas a língua do povo, dos soldados e colonos espalhados por todo o Império Romano.

Assim, nestas minhas narrativas, ou crónicas, como queiram chamar-lhes, tive o cuidado de relevar, aqui e ali, alguns exemplos dessas transformações no que diz respeito à etimologia, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

Nos costumes e maneira de agir do povo, manifesto uma parte importante da nossa etnografia – as festas religiosas e profanas, as festas das colheitas, a diversão no trabalho, a maneira de vestir, o primitivismo dos trabalhos do campo, a simplicidade das alfaías agrícolas, o recurso a uma medicina empírica, as

superstições, as credences, etc.

No que respeita ao direito consuetudinário, ele está bem patente no uso das eiras comunitárias, nos marcos que ainda hoje separam as propriedades, na divisão da água consumida em casa e nas regas, nas trocas de serviços, na estipulação do pagamento desses mesmos serviços, nos contratos de arrendamento e pré-nupciais, no pagamento da cõngrua, das deramas, etc.

As demandas eram resolvidas na praça pública. O regedor e os homens velhos (os antigos homens-bons), intimavam o povo a assistir a essas reuniões que tinham lugar aos domingos na praça, e que eram anunciadas pelo hastear de uma bandeira branca na "pedra da justiça" existente no meio dessa praça.

As sanções e os castigos eram aplicados conforme a gravidade dos litígios.

E para concluir, reafirmo que tudo o que ficou relatado nos meus livros, é a prova evidente do meu trabalho, da minha persistência e dos conhecimentos adquiridos numa das mais antigas e conceituadas universidades da Europa – Coimbra.

Não pretendo vangloriar-me do pouco que sei, pois "elogio em boca própria é vitupério" – já dizia Camões. Mas quero fazer jus àquilo que os meus Mestres me ensinaram e ao que com eles aprendi.

E concluo justificando o que de mim pus nestes meus livros servindo-me de afirmações de dois grandes vultos da literatura francesa – Marcel Proust que no seu livro "À la recherche du temps perdu", anda à procura do tempo que já passou; e Châteaubriand na sua obra "Le génie du christianisme", referindo-se aos escritores, diz: "cada um só é autêntico quando se inspira no coração", e completa assim: "a melhor parte do génio compõe-se de recordações".

E é também essa procura do tempo passado, e são também essas autênticas recordações saídas do coração, que hoje aqui vos deixo.



LÁ FORA

VIAGEM À TURQUIA

3 a 15 de Setembro de 2011

Maria Alice Pereira

Partimos de Lisboa no dia 3 de Setembro com destino a Istambul – 1ª cidade turca (antiga Constantinopla/Bizâncio). Já em Istambul no dia 4, começámos por visitar o Grande Bazar (maior do mundo) para uma primeira abordagem do local mais tradicional de vendas de jóias. Em seguida visitámos a Mesquita azul, situada na praça de Sultan Ahmet (coração da cidade antiga) templo otomano com os seus seis minaretes. No interior podemos observar os azulejos azuis nas paredes e nas cúpulas que deram origem ao nome da Mesquita. Na mesma praça vimos o hipódromo romano e o Obelisco egípcio de granito rosa mandado construir no século XV por um faraó e ainda a coluna em serpentina. Vimos ainda nesta mesma praça a

Basilica de Santa Sofia e o palácio Topkapi erguido no século XVIII, 1ª residência dos sultões e percorremos a sala dos tesouros com ouro e pedras preciosas, vendo-se também uma colecção de cerâmicas, jóias e trajes imperiais.

No dia 5 iniciamos o dia com um cruzeiro no Bósforo, estreito que separa a Ásia da Europa e liga o Mar da Mármara com o Mar Negro. Neste cruzeiro desfrutámos as melhores vistas das Mesquitas com os seus minaretes, lindas casas particulares ao longo do Corno de Ouro, fortalezas e mansões e vários monumentos históricos de Istambul. Após este cruzeiro partimos de Autocarro para Ancara, capital da Turquia passando-se pelas montanhas de Bolu. Chegados a Ancara, e já no dia 6, visitámos

o Museu das civilizações antigas, exposição esta de grande rigor histórico destacando-se os vestígios das grandes civilizações (assírios, frígios e hilitas). Visitámos o Mausoléu de Mustafá Atatürk o fundador da República Turca. Assistimos ao render da Guarda com os seus esbeltos soldados marchando hirtos e sérios vestindo fardas brancas evidenciando a sua fina cintura.

No dia 7, partimos para a Kapadócia (Kapa=cavalo doci=formosos, planalto que era um mar rodeado de bosques e planícies onde posteriormente os vulcões entraram em actividade. A acumulação de material vulcânico, fumo e cinzas, arenitos rochas e tufos foram moldando esta região. No trajecto passámos pelo lago salgado – formação salina – região vulcânica única pois a sua origem deve-se à existência de 2 vulcões que expeliram as lavas e cinzas formando "tufos" montanhas onde os seus habitantes construíram cidades subterrâneas, visitando-se a cidade subterrânea de Karymakli escavada pelas comunidades cristãs – 7 a 12 pisos abaixo da terra, com túneis estreitos que eram usados como refúgio dos soldados. Após o almoço visitámos os vales de Uchissar, fortalezas escavadas nas rochas e vale de Guvercinhiki chamado "Vale dos Pombais". Vimos ainda o castelo de Uchisar fortaleza natural situada no cimo da rocha vulcânica perfurada por túneis e janelas, tendo-se entrado num centro de artesanato onde se produzem objectos decorativos e jóias.

No dia 8 de Setembro, continuamos para a descoberta da região da Kapadócia, visitando os grandes vales de Dervent



O grupo da AAECCL na Mesquita Azul



Na Capadócia - Castelo de Uchissar

(chaminés de fadas) e o de Goreme – autêntico museu ao ar livre com as suas capelas e Igrejas (S. Barbara, Fivela, Escura e da Maçã) e mosteiros onde os monges dormiam.

A Igreja de Santa Bárbara foi construída em sua memória pelo facto desta santa ter sido degolada pelo seu próprio pai, por se ter convertido ao cristianismo. Na Igreja da Maçã podemos ver um fresco simbolizando a traição de Judas.

O Vale de Pasabag com os seus vinhedos e chaminés de fadas (3 cabeças), e por fim o Vale de Cavusin onde as casas apresentam fachadas faustosamente decoradas. De seguida visitámos uma oficina especializada em tecer tapetes e Kilims. À noite assistimos a um espectáculo de Derviches Rodopiantes.

No dia 9 partimos em direcção a Konya (significa Loucura), capital da Anatólia e berço dos Derviches Rodopiantes (Seguidores da religião de Maomé). Na viagem visitámos uma fortaleza imponente (Caravanserai) utilizada para abrigo dos comerciantes e viajantes. Fortaleza do século XIII com arquitectura quase gótica, onde se abrigavam homens e camelos. Passámos por Akseray – onde se fabricam camiões e de tarde visitámos o museu de Mevlana, antigo convento dos Derviches Rodopiantes, onde se encontra uma caixa com a barba de Maomé. Mevlana – doutrina sufista: Sê como pareces, parece como és.

Na ajuda e na generosidade seja como um rio
 Na afeição e na misericórdia seja como o sol
 Em cobrir os defeitos alheios seja como a noite
 Na agressividade e na ira seja como um morto
 Na modéstia e na humildade seja como a terra
 Na tolerância seja como o mar
 Sê como pareces ou parece como és.

Chegados ao dia 10, partimos para Pamukkale (castelo de algodão), zona termal cuja paisagem é constituída por nascentes de águas quentes com sedimentos calcários que originam piscinas brancas nas encostas das colinas formando estalactites gigantes que parecem cascatas petrificadas. Após o almoço fomos para Hierapolis em visita à Necrópole famosa pela riqueza dos seus túmulos e sarcófagos com vestígios do Império Romano. Passámos por vários lagos com toalhas de água quente cálcica, boa para banhos e tratamentos de pele. No mesmo trajecto passámos por Aksehir onde podemos ver a figura de Hodja Nascheriddin (o homem que se encontra sentado no burro com a cabeça do lado contrário) conhecido pelas suas anedotas, como querendo dizer, que ele é que está certo, o burro é que está errado. Passámos por Dinar – zona das papoilas de onde se extrai o ópio. No dia 11 partimos, após o pequeno almoço no Hotel, para Izmir, onde visitámos a cidade greco-romana de Afrodisias erguida em honra da deusa Afrodite. Esta cidade ficou conhecida como centro de medicina e de filosofia. En-



Necrópole em Hierapolis

contra-se um templo de Afrodite e também um anfiteatro romano, pórticos de Ágora e um palco ricamente decorado como algumas esculturas de arte. Vimos ainda um grande estádio para a prática dos desportos daquela época. Continuamos para a cidade de Éfeso construída no ano 1.000 A.C. e dedicada à deusa Atenisa. As ruínas são biblioteca de Celso, o Templo de Adriano e o grande Teatro. Fomos depois para o monte Panayir onde se situa a casa onde viveu N.ª Senhora, declarada relíquia pela Igreja Católica Romana em 1896, sendo agora centro de peregrinação. Kalino, poeta grego, diz-se ter nascido em Éfeso. Passámos pela cidade de Selçuk onde assistimos a uma passagem de modelos de casacos de peles.

Saímos de Izmir, no dia 12, visitando de autocarro as principais artérias desta cidade, a 3ª da Turquia, importante pela sua situação geográfica ligada ao mar Egeu, com o seu porto marítimo, sendo considerada um grande centro de comércio e indústria (Petroquímicas, Refinaria etc.). Ao longo do percurso vimos imensas favelas.

No seguimento para Bursa passámos por Pergamo onde subimos de teleférico para visitar a Acrópole da cidade antiga e o Esculápio. Em Pergamo fabricam papel de pergaminho elaborado da pele de cabra. Nesta zona existem pedreiras de ouro e prata. Visitámos o complexo das latrinas públicas, túnel



O grupo da AAECL no Tetrípido Séc. II

de tratamento de psicoterapia e a antiga escola de Medicina – Galeno – Esculápio (Deus da saúde).

No dia 13 já em Bursa, (1ª. capital do Império Otomano), visitámos a grande Mesquita com oratórios de 12 pilares, sustentando 20 cúpulas. Depois vimos a Mesquita Verde e o Mausoléu Verde, onde estão os túmulos dos Sultões fundadores da Dinastia Otomana (Osman e seu filho). Visitou-se o mais antigo Mercado da seda que conserva a mesma forma de negociar entre produtores e comerciantes. Seguidamente e após o almoço atravessámos o mar da

Mármara em Ferry-boat até Istambul.

No dia 14 de Setembro, visitámos o Palácio Beylerbeyi, situado na parte asiática da cidade, construído no século XIX e que foi considerado o Palácio de verão dos Sultões do Império Otomano. À noite assistimos a um espectáculo de folclore, dança do ventre, e canções turcas.

No dia 15 regressámos a Lisboa.

Espero que tenham ficado satisfeitos com a narrativa do nosso passeio e desejo a continuação dos nossos encontros no próximo...

IN MEMORIAM

Deixaram-nos...

... no segundo Semestre de 2011:

Dr. João Ávila de Matos, Sócio 49 – data não comunicada;

Dr. David Augusto Fernandes, Sócio 140 – data não comunicada;

Eng. Mário Diniz Galvão, Sócio 369 – em Julho;

Cor. Manuel Martins Chorão Vinhas, Sócio 36 – em 22 de Agosto;

D. Maria Amélia Araújo Pereira, Sócio 1025 – em 12 de Outubro;

Dr.ª Antónia Francisca Borges Figueiredo Santana, Sócio 1182 – em 27 de Outubro;

Eng. José Emílio Moutinho Correia de Matos, Sócio 1193 – em 10 de Novembro;

Dr. António José Cardoso de Oliveira, Sócio 281 – em 18 de Novembro;

Dr.ª Honorina Sousa Abreu Marques, Sócio 1166 – em 23 de Novembro

Dr. Joaquim Manuel Rendeiro Araújo e Sá, Sócio 41 – em 14 de Dezembro.

Que descansem em Paz!

Cá Dentro

PASSEIO DE OUTONO

5 a 9 de Outubro de 2011

Pais de Amaral

Entre os dias 5 e 9 de Outubro realizou-se o passeio de Outono, para o qual se inscreveram 73 pessoas, que foram distribuídas por dois autocarros.

A concentração teve lugar, como de costume, atrás da Reitoria da Cidade Universitária. Após efusiva troca de cumprimentos entre os amigos que logo deu um tom de alegria ao ambiente de boa camaradagem, os autocarros partiram, à hora marcada, rumo a Lamego. Depois de um almoço bem servido nesta linda cidade, reiniciámos a viagem em direção ao Parque do Alvão, com a finalidade de visitar as Figas do Ermelo - uma cascata localizada junto à freguesia do Ermelo, concelho de Mondim de Basto, distrito de Vial Real.

É uma das maiores quedas de água de Portugal e uma das maiores da Europa. O

rio Olo não se precipita numa vertical absoluta, mas sim através de uma grande barreira de quartzitos, formando um profundo socalco. As suas águas separaram as zonas graníticas das zonas xistosas das terras envolventes. O desnível desta cascata é de 200 metros em extensão cavados, ao longo de vários milénios, pelas águas do rio Olo, que nasce no Parque do Alvão. A montante das quedas situam-se belas lagoas, muito procuradas no Verão. Foi pena que o tempo seco que este ano se fez sentir não nos tivesse proporcionado o espetáculo de uma cascata mais sumptuosa por maior caudal do rio.

Reiniciámos a viagem, percorrendo em sentido inverso parte de uma estrada muito sinuosa, mas encantadora pela vegetação. E chegámos à cidade de Chaves,

onde ficámos alojados no Forte de São Francisco.

O Hotel localiza-se num impressionante edifício do século XVII, que é atualmente monumento nacional. Fica perto da ponte romana e do Castelo de Chaves. Possui uma Igreja com uma galeria e um enorme jardim com piscina exterior.

O Forte remonta a um Convento Franciscano - o Convento de Nossa Senhora do Rosário - erguido no início do século XVI. No século XIX, na altura da Guerra Peninsular, as tropas napoleónicas, comandadas por Soult, utilizaram-no como quartel general. Mais tarde, os portugueses, após 6 dias de violentos combates, conseguiram que a guarnição francesa se rendesse e Chaves fosse libertada. Posteriormente foi cenário das lutas liberais. Perdida a sua função defensiva, após abrigar por um período de quase 70 anos o 10º Batalhão de Caçadores, as dependências foram abandonadas, entrando em processo de ruína.

Felizmente que foi recuperado e adaptado a Hotel, pois ficámos nele bem instalados. À noite fomos mimoseados com fados e a exibição de um rancho folclórico. Houve bolo e "champanhe" para todos, festejando deste modo o aniversário de quantos vieram ao mundo nesse mês.

Visitámos a cidade de Chaves de acordo com o programa. Desta visita destacamos a majestosa ponte de Trajano, obra dos romanos, e os balneários termais. Chaves tornou-se importante, desde muito cedo. No ano 79 da nossa era foi elevada à categoria de Município, quando dominava Tito Flávio Vespasiano, de

cujo nome deriva *Aquae Flaviae*, que veio a dar Chaves.

No dia seguinte partimos em direção à Terra Fria Transmontana e, com o apoio de uma guia local, visitámos o Parque Natural de Montesinho, com exuberante vegetação em que abundam os castanheiros. A guia conduziu-nos até junto de um castanheiro secular que, devido à sua dimensão, mudou de género, passando a ser "castanheira". Esta árvore (assim dá para ambos os géneros), que havia tido honras da visita dum Ministra do Governo anterior, foi alvo da admiração de todos os veraneantes pelo diâmetro do seu tronco e, como recompensa, todos puderam saborear as suas excelentes castanhas.

Em Vinhais visitámos o museu que, embora de pequenas dimensões, se mostrou bem elucidativo acerca das existências da região. Depois de um lauto almoço, rumámos para Valpaços, onde jantámos.

Nesta deambulação, pernoitámos sempre em Chaves no Forte de São Francisco Hotel. No dia 8 (sábado), após o pequeno almoço, partimos para locais de excepcional beleza: o Palácio de Vidago e a Serra do Gerês.

No Palácio Vidago Hotel tivemos tempo para apreciar o seu edifício monumental e, na hora própria, a oportunidade de saborear um bom almoço servido com requinte. O majestoso Vidago Palace é um Hotel de 5 estrelas no qual houve a preocupação de combinar o estilo Belle Époque com luxos modernos. Foi inaugurado em 1910 por D. Manuel II.

O Gerês é um dos locais turísticos mais aprazíveis de Portugal. A seu respeito escreveu Miguel Torga - "Há sítios no mundo que são como certas existências humanas: tudo se conjuga para que nada falte à sua grandeza e perfeição. Este Gerês é um deles".

No último dia fomos saborear um bom almoço a Vila Real. Logo a seguir, os que tiveram pernas ou vontade para tanto, foram fazer uma rápida visita à Sé, orientados pelo Colega Póvoa, que conhece bem aquelas paragens.

Depois de mais alguns quilómetros percorridos, tivemos ocasião de visitar o Palácio Casa de Mateus, mandado construir, na 1ª metade do século XVIII, pelo 3º Morgado de Mateus. O solar constitui uma das mais significativas obras de arquitetura civil portuguesa do período barroco.

Pode dizer-se que fechámos com chave de ouro. Seguidamente encetámos a longa viagem de regresso a Lisboa. Foi agradável e terminou sem qualquer percalço. Da parte dos excursionistas notou-se sempre um ambiente de boa disposição e camaradagem que não pode deixar ninguém indiferente.

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Continua a prestar a assistência possível aos Associados que dela careçam; a felicitá-los pessoalmente pelo aniversário e a apoiá-los em situações (conhecidas) de doença ou perda de familiares.

Promoveu ainda o sempre esperado "Magusto de S. Martinho", na Sede, onde 56 convivas saborearam o "repasto" próprio, com jeropiga e castanhas quentinhas, e assistiram a um pequeno recital de poesia.

VISITAS LOCAIS

No II Semestre de 2011 foram realizadas as seguintes visitas:

- Dia 14 de Junho: Ao Supremo Tribunal de Justiça.
- Dia 29 de Setembro: Ao Palácio de Monserrate, em Sintra, incluindo as ruínas da capela, o palácio e jardins.
- Dia 17 de Novembro: À Culturgest.
- Dia 13 de Dezembro: Ao Museu da Electricidade.

As visitas decorreram com muito agrado para os diversos participantes inscritos.

Registamos o nosso agradecimento aos guias que nos acompanharam, pela sua disponibilidade e pela capacidade explicativa demonstrada.

OS NOSSOS POETAS

“PARA LÁ DAS PALAVRAS E DO SENTIR”

por F. Ramos Nunes

Mão de cirurgião, mão amiga

São assim as mãos do cirurgião!
Gráceis no movimento fino, pensado de antemão,
Determinantes no momento, cerebrais na intenção!
Videntes na penumbra de recessos baços...
Ali, onde a dor afronta decidida,
O sangue escorre, é quente e pulsa a vida!

Mãos de cirurgião!
Que mexem e remexem em divina missão
E não temem humores, contágios, infecção...
Erradicam, enérgicas, o mal que mata
E seguram a vida que por um fio se escapa,
Das entranhas do ser que somos em sofrimento
E onde não cabe indecisão mas sobra merecimento!

Mãos de cirurgião!
Salvadoras quando o corpo sofre e pede solução,
Que ouvem o que percutem e sentem à palpação
O grito do órgão, débil, sofredor,
Ansiando um acto terapêutico, protector!
Mãos que beijamos com olhar enlevado
Ou choramos no desespero dum viver finado...

Mão amiga, mão de cirurgião!
Límpida e segura é a minha convicção:
Que a grandeza da Cirurgia, minha paixão,
Na vitória sobre males radicados,
Dá à mão em gestos técnicos estudados
Tanta nobreza e semelhança
Como a ternura do nascer duma criança!

O Autor – Licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra; vários Cursos Pós-Graduado de que destaca o de Medicina Sanitária (1958) e o de Medicina do Trabalho (1964), em Lisboa, ambos pelo Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Exortação

É preciso trabalhar,
Dizem os ministros
Do último ao Primeiro!
Não eles, mas o Zé... que pode!
Não, não é birra nem devaneio,
É que o PIB baixa e...
O deficit sobe!

Ah! Portugueses de antanho, de outrora,
Para onde foi o sémen e os vossos genes
Que de rastos ficaram os de agora?
Inertes, abúlicos, contusos ou... «sem tusos»
Lendo discursos infernais
E ouvindo mentiras e abusos
E mais...
Discursos fabricados ou pré-fabricados
Em lata e maldizer,
Exercícios de cosmética, de imagem,
Exercícios de poder!
Onde estão as naus, os Cabrais, os Gamas,
Os Camões, os Nóbéis e a *Pátria* de Junqueiro,
Que espalharam e cantaram o sonho português
/ e as glórias lusitanas?

E aqueles que sendo heróis de corpo inteiro
A memória esqueceu,
Ou nome não lhes deu?
E os que em outros mundos labutam
Nas artes, nas ciências ou na força do braço,
Emprestando vigor e grandeza,
Ou distribuindo inteligência e...
... nacos de nobreza?

Cai em ti, Portugal,
Levanta-te e exorta!
Foste grande no Mundo,
Tens de sê-lo na Europa!

Como de costume apresentamos alguns dos blogs que mereceram destaque no tratamento de temas académicos. Fica a chamada de atenção e o convite para os visitarem demoradamente.

Luiz Goes: “Canções de Amor e de Esperança” quarenta anos depois (1971-2011)

http://guitarrasdecoimbra2.blogspot.pt/2012_01_01_archive.html | 7 | JAN | 12 - SÁBADO

Luiz Goes: “Canções de Amor e de Esperança” quarenta anos depois! (1971-2011)

■ JORGE
GRAVO

■ Cultor da
Canção de Coimbra



PASSARAM, neste mês de Dezembro, quarenta anos sobre a gravação do melhor disco criado por cultores amadores da Canção de Coimbra: “Canções de Amor e de Esperança” de Luiz Goes. Uma obra magistralmente acompanhada e musicada por António Andias (g), João Gomes (v), António Toscano (v), e Durval Moreirinhas (v), com todas as letras originais do poeta Leonel Neves e do próprio Goes, que também musicou umas poucas.

O disco marcou o definitivo envolvimento desta Canção nos grandes temas da Vida, do Amor e da Existência, com letras que permanecem autênticos quadros da actualidade. Desde um canto de esperança e de crença num novo mundo, em Cantiga para quem sonha (Leonel Neves/João Gomes), «Tu que crês num mundo maior e

melhor (...)», a temas tão ecológicos como Canção Pagã (Leonel Neves/Luiz Goes), «Lá longe / onde a terra ainda deixe / bichos e homens livres pelas matas (...)» até à Balada do Rei Vadio (Leonel Neves/Luiz Goes), onde os sapos surgem como imagem da corrupção, «os sapos (...) / (...) sujam às vezes um homem, / se tocam as coisas mais belas», sem esquecer um tema tão afirmativo como É

de uma das chagas sociais mais delicadas do nosso quotidiano – a prostituição: «Pobre menina parada na rua deserta, / – Quem te comprou? / – Quem te vendeu? (...)». Esperança, em Canção para Quem Vier: «Quem vier, / que traga uma palavra amiga, / semente de esperança, na seara da vida. (...)».

É neste disco que Luiz Goes atinge a plenitude do amadurecimento vocal e interpretativo.

DISCO DE LUIZ GOES MARCOU O DEFINITIVO ENVOLVIMENTO DA CANÇÃO DE COIMBRA NOS GRANDES TEMAS DA VIDA, DO AMOR E DA EXISTÊNCIA

Preciso Acreditar, «É preciso acreditar / (...) que a canção de quem trabalha / é um bem p’ra se guardar; (...)», conclui-se que este disco cataloga a Canção de Coimbra num humanismo cheio de sonhos e utopias, num amor ao próximo como cidadão do mundo.

A poesia do próprio Goes surge, também, sob o signo da preocupação social, oscilando entre o desencanto e a esperança. Desencanto social em Canção de Embalar, lúcido retrato

A sua voz transmite a palavra cantada na sua exacta intensidade e dimensão, vivamente sentida mas sem dramatismos piegas, com uma grande clareza tímbrica e perfeita diction.

Este disco é a obra-prima da Escola Goesiana. E foi a partir dele que a Canção de Coimbra passou a exigir um tão elevado grau de elaboração temático-musical aos seus cultores que, infelizmente, até hoje, nenhum outro trabalho discográfico atingiu.!

01.

ENCONTRO DOS JAPONESES / COREANOS

Como sempre, o reviver de passeios memoráveis traz à Sede a quase totalidade dos seus participantes, que visionam o extenso filme como se fosse novidade, trocam e expõem fotos para o habitual concurso. O repasto final completa estes agradáveis convívios.

02.

JANTAR MENSAL

Realizou-se o possível, em Novembro, com 21 participantes. Não esmorece o entusiasmo destes (re)encontros, sobretudo por parte dos que vêm de longe para estar presentes e colaborarem nestes serões de convívio, sempre abertos a intervenções lúdicas, poéticas, musicais... e aos eternos (assim esperamos) "parabéns a você":



Aniversariantes de Set, Out, Nov

03.

JANTAR DANÇANTE

Inédito, mas bem sucedido! Por sugestão dos jovens, que acorreram em força (20) e animaram o serão, ao som da Orquestra "Grupo Vintage", realizou-se no Páteo Alfacinha, no dia 24 de Setembro, numa competição saudável com os "menos jovens".

04.

CONVERSAS MENSAIS

Houve oportunidade para duas Conversas, uma em Julho e outra em Outubro, a primeira pelo nosso Assessor Cultural Eduíno de Jesus "D. Dinis, o

Poeta" e o "Vem Dizer de Tua Justiça", que motiva a presença dos que querem apoiar a Direcção em sugestões e reparos (quando é, objectivamente, caso

disso) e manifestar as suas preferências quanto às viagens do ano seguinte; neste ano realizam-se as que não se fizeram no ano passado: Açores e E.U.A.

05.

ALMOÇO DE NATAL

Mais uma vez no Hotel Sofitel, no dia 17 de Dezembro, juntaram-se 89 Associados e Amigos, festejando esta quadra natalícia com cânticos e poesias

alusivas, danças pelo nosso Grupo de Danças de Salão e Serenata pelo jovem e muito aplaudido Grupo "Serenata ao Luar".

A troca de "prendinhas" simbolizou a fraternidade que se respirava e a alegria perante cada surpresa.



Panorâmica da sala



Grupo de danças



Grupo Serenata ao Luar

06.

CORAL AD-HOC, BORDADOS E DANÇAS DE SALÃO

Continuamos a animar o nosso espaço, sem espírito ou intuito de "exibição", mas transformando estas actividades em momentos de convívio e de saudável conversação.

07.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra convidou-nos para a abertura solene das aulas, em 14 de Setembro;
- A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga convidou-nos para a sua festa anual, neste ano de homenagem à Universidade de Coimbra, no dia 22 de Outubro, com um programa que se iniciou com um almoço e um Sarau, onde o convívio e o Fado de Coimbra tiveram lugar privilegiado;
- A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto festejou o seu 18º Aniversário no dia 12 de Novembro, desta vez com uma "Homenagem a Paulo Quintela – O Homem de Letras, o Cidadão, o Homem de Teatro", com um óptimo jantar e um "Sarau Artístico" com poesia, teatro e Serenata de Coimbra;
- A Associação Académica de Coimbra convidou-nos para diversas actividades ligadas à Associação;
- A Universidade de Lisboa continua solicitando a nossa presença nas actividades culturais, das quais assinalamos a apresentação da obra "Arquivo Secreto do Vaticano: Expansão Portuguesa – Documentação" (3 Outubro), a "Festa do Cinema Francês" (12-13 Outubro); o lançamento do "Dicionário de Geologia" (30 Novembro); a "11ª Gala de Ópera da Universidade de Lisboa" (10 Dezembro) e o notável concerto "de Natal" (13 Dezembro).

08.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

... em 2011 (2º Semestre) foram: Eng. Paulo António Coelho Vaz, Sócio nº 1295; Dr. Bruno Gonçalo Pinto Martins, Sócio nº 1296.

09.

SE NÃO SABIAS, FICA A SABER QUE...

Deram entrada na Biblioteca ...

É com muito prazer e gratidão que se faz referência aos nossos Sócios que enriqueceram a Biblioteca com livros e outra documentação no 2º Semestre de 2011:

- Dr. Francisco Ramos Nunes; D. Maria Fernanda Godinho Esteves;

E ainda à:

- Universidade de Coimbra/Reitoria (revista Rua Larga); Associação da Força Aérea Portuguesa (Boletim); Associação dos Pupilos do Exército (Boletim); Estoril-Sol (revista Egoísta).

A todos o nosso

Bem hajam!

Estão à venda na Sede os vídeos e/ou DVD das seguintes viagens:

- Viagem Berlim/Hannover – Expo 2000;
- Viagem ao Canadá e Nova York (2000);
- Viagem de Fim-de-Ano na Madeira / Pôr-do-Sol (2000/2001);
- Passeio da Primavera a Salamanca (2002) e Fim-de-Ano em Madrid (2002/03);

- Viagem à Europa Central (2002);
- Grande Viagem aos EUA (2007) – DVD;
- Fim-de-Ano em Palma de Maiorca (2008/09) – DVD;
- Grande Viagem à Jordânia – 2DVD's (2009);
- Grande Viagem à Índia/Nepal/Goa – 6DVD's (2009);
- Viagem ao Japão / Coreia do Sul (4+2 DVD's) (2010).

Está à venda o CD Áudio de:

- "Poesia para Todos" de Carlos Carranca



Julho a Dezembro 2011

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes

de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: aaec@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

Académica vence Taça de Portugal - Última Hora:

A Associação Académica de Coimbra/O.A.F. venceu a Taça de Portugal em futebol derrotando o Sporting Club de Portugal no jogo da final, realizado no Estádio Nacional. O resultado final foi de 1-0, com um golo de Marinho nos minutos iniciais. Esta conquista volta a inscrever o nome da Briosa na lista dos vencedores desta competição, após 73 anos com a conquista da 1ª Taça. Recorde-se que esta tinha sido exibida no Aniversário da Tomada da Bastilha, no Casino Estoril.

A AAECL dinamizou a participação dos associados e simpatizantes através da aquisição de 123 bilhetes, do apoio ao fornecimento de cerca de 160 almoços e da oferta de uma camisola alusiva a esta data especial que ficará para sempre na nossa memória.

Viva a Académica! Brrriiooosaaa!

F.R.A.